

# tríptico

arte

poesia

crítica



1



## EVA AGGERHOLM, escultora

Há quase um ano que os olhos de Coimbra repousaram em quadros de Vázquez Díaz, do melhor que tem a pintura contemporânea no desenho, predominante e vigoroso, e na cor sempre viva, sempre filha do sol, deus dos pintores que bem se aleitam da luz. Mas parece, tão rapidamente se escoou esse ano, tão débil ficou dos belos quadros, que alguns séculos do-baram depois disso e que o pintor, vivo e são felizmente, pertence à velha geração de artistas que de longe vinham, pelo Renascimento, enriquecer Portugal, aproveitar-lhe o céu, e acrescentar ao património dos Nuno Gonçalves e Grão Vasco, um latifúndio de arte que nos não afrontava, antes envaidecia. Trouxe Vázquez Díaz sua esposa a Coimbra, uma escultora intimista a uma cidade discreta, e pena foi: essa vinda não nos mostrou a nós as suas belas imagens.

Mais feliz porém do que aqueles que, estimando os dois artistas, desesperavam por ver uma exposição de Eva Aggerholm, vi em Madrid a sua obra.

Era um abril chuvoso, e nada melhor se casava à primavera esflorada, ensopada de orvalhos miú-dinhos, do que essas poucas peças de Imaginária fina e como que friorenta, circulada por sensibilidade semelhante à das seivas represas, que vão formar as flores, mas que melhor se comprazem no fluxo de fôlhas e troncos. Falo de Eva Aggerholm, escultora, por mero prazer independente, ainda que por gratidão pudesse também falar, pois alegrou, com uma imagem de saborosas linhas, o interior do meu primeiro livro. É um desenho a que me refiro, já por gosto, já porque está mais perto dos olhos de quem me lê. Outro documento da artista se guarda em Portugal: a reprodução da *Niña de la cabellera grande*, na revista *Contemporânea*; e se esta dá a maravilhosa harmonia das linhas mais favoritas de Eva — as que traduzem pudor da forma nua, defesa dos volumes plásticos ou leve desgosto de expô-los — o desenho do meu livro acen-

tua a feição e alegoriza, ainda que num esboço, o recato da imaginária. É difícil encontrar entre os artistas plásticos alguéna que, mais do que Eva Aggerholm ou talvez tanto como ela, mantenha uma obra de pura unidade escultural, preocupada com um termo remoto de expressão — quiçá cada vez mais remoto — em que a coisa a exprimir caminha direita do mais fundo da vida. A *Madalena*, o *Monumento Funeal*, a *Niña*, não são expressões intelectivas em que a razão trabalhe, guiando os meios mecânicos de que se socorre a escultura; inteligência sim, há nessas peças, mas resultante da concórdia espontânea de todos os sentidos de Eva, afinados numa atitude essencialmente recolhida e vedada a estranhos como atitude de Esfinge. De resto, não é para admirar que o Egito servisse a instruí-la, Mulher do norte, da pastoril Dinamarca, a escultora como que voga num oceano de surdinas, e é dèle que recolhe com sua rede sensitiva as formas, elementares como um fiapo de alga, que as suas mãos realizam. Há pouquíssimo de lapidar na sua obra, e também, se místicas são como eu creio, as suas imagens não fazem lembrar as daqueles monges santeiros, tão puristas, que Anatole France nos mostra, no *Jongleur de Notre Dame*, de barba branca sob a poeirada alvadia. Em Eva Aggerholm o ascetismo é mais o de um organista, ou, melhor ainda, ño dizer de Juan Ramón Jiménez, o lirico de *Platero*: ela é *marinera de la escultura*. A saúdade do mar percorre os contornos de cada imagem dela: é como a linha sinuosa que nas praias, depois da maré cheia, retém os sinais do corpo núbil das ondas. E porque não chega à chá castelhana, onde trabalha, o sopro doce dos ventos mareiros brandos, a sua obra responde a esse silêncio com uma suave música, uma música bastante estranha ao mármore que utiliza.

Vitorino NEMÉSIO

## A AVE-MORTA

## louvor do sal

«; Adeus p'ra nunca mais!» Cerrei o olhar,  
Depois de ver a noite e não ver lua,  
Na ave-morta peguei, com meu pesar,  
Fechei os olhos e deitei-a á rua.

¿ São as aves de mais para chorar?  
Quem é que o diz? Que instinto mo insinua?  
; Mas sem aves, sem rosas de tocar,  
A vida era tão pobre, era tão nua!

«Morta e presa da vida»! Isto consola.—  
«Morta, presa da vida»! — Eis, chega um gato,  
Com seu faro de gato, e apanha a rôla.

¿ Para a ave que morreu, qual a moral?  
— Não sei se cometi um desacato;  
— eu não sei se fiz bem, nem se fiz mal.

Oh salinas de branco à beira-mar!  
Onda vestindo azul que foste presa  
para o fogo do sol e has-de acabar  
em pedrinhas de neve à minha mesa!

Sal que prováste a bôca à bem-amada  
quando se soube ao certo do seu nome,  
voltas da alma em lágrimas—ficou-me  
de prová-las, a boca ressalgada.

Humilde. Oh humilde como a água! Jogo  
Teu corpo ao lume e cantas sobre o fogo:  
— A' sina de cantar não descontentas.

Tu és, compondo o gosto da comida,  
como o amor compondo a nossa vida,  
filho do azul do céu e das tormentas!

AFONSO DUARTE.

BRANQUINHO DA FONSECA.



# VMA VILA DE ARTE

O século XVI foi, para Montemor-o-Velho, o período de maior esplendor social e artístico.

Quer os seus monumentos públicos, quer os particulares, documentam a riqueza geral que causas externas provocaram: enchendo a terra com os lucros do trato ou das razias africanas e asiáticas, Diogo de Azambuja, o conquistador de Cafim, e Fernão Mendes Pinto, o aventureiro da China, não representaram decerto excepções no seu tempo.

Das igrejas se tem falado por vezes; da moradia privada, que tanto impressiona, nunca, que me conste, a-pesar do interesse do assunto.

A cada retôrno de expedição feliz, a cada negócio concluído, a Vila intumescia de casas novas, que ao vaguear pelas ruelas irregulares ou pelas íngremes ladeiras do burgo encontramos ainda, milagrosamente conservadas, reconhecíveis pelos labores da cantaria, pelos lóbulos, florões, tranças ou rosetas que adornam vêrgas e alisares.

Cubozinhos de pedra pouco elevados, seus portais amplos e sóbrios, janelas enfeitadas abrindo como um sorriso entre mísulas, estas habitações representam a *domus* burguesa e popular dos cidadãos e artífices de fortunas modestas.

Compõem-se de dois pavimentos, quando muito, um ao rés do chão, outro de sobrado, o

beiral da cobertura de quatro águas assente em cimalha de dupla sacada, elegante e forte.

A porta é ancha, as vêrgas alisadas a pico miúdo ou gravadas de dizeres em belas letras clássicas, cujo nobre lançamento sombreia a pedra em guisa de ornamento. «Não há gosto perfeito nesta vida», se lê numa que apontei.

Sobre o portal, ou assimetricamente, uma janela larga moldurada ou de arco polimórfico, acolitada de mísulas de grandes dimensões, capazes não só de sustentar os clássicos craveiros, mas até arbustos, completa o sistema de aberturas necessárias ao arejamento e claridade da casa. Por vezes um nicho, um relêvo devoto, uma carreira de esgrafitos iluminam a página branca da fachada.

Se o exterior é, na sua simplicidade, aparatoso, o interior modesto, subdividido em camaras pequenas e irregulares sobre as quais abrem, aos pares, alcovas acanhadas, revela o conceito de comodidade dos habitantes quinhentistas.

Nas cantareiras cavadas nas paredes, sobre o pano das chaminés ou nas antas da lareira é que uma carranca, uma vóluta, uma flor, uma cartela cronográfica, documentam ainda a preocupação artística dos construtores.

Coimbra, 1911.

VERGÍLIO CORREIA.

## memória

Deus faz de nós criaturas tão diversas daquilo que devíamos ser que se me afigura seu ânimo caprichoso tal qual o duma criança.

Meu avô andou nas águas do mar. Sentiu os frios que congelam o sangue e a ardência do sol que anoitece a pele. Duma vez, tinha apenas dez anos, naufragou na foz do Mondego diante dos olhos assombrados da mãe que o via em risco de despedaçar os ossos de encontro aos blocos do Cabedelo. Sem ter em casa com que mandar tocar a um cego, minha bisavó fez promessa à Senhora da Encarnação, se ela se amerceasse da vida de seu filho, dum menino de ouro do tamanho d'ele. Meu avô salvou-se nos braços dum tio que era o capitão do hiate. E ela, visto o prometimento ser maior que suas posses, converteu-o em penitência, indo de joelhos até a capela da Senhora que fica arredada na encosta da Serra.

Meu avô tem em seu peito tatuada a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e, em cada braço, sinais de sua paixão. Eu tenho, não o madeiro onde o Nazareno morreu para nos remir e salvar, mas a cruz da desesperança em que são crucificados todos os homens que um dia olharam de certo modo para o céu.

E, quando devia andar cantando na proa dum barco, gasto os olhos a chorar na contemplação desta vida que não posso compreender.

Na verdade Deus é de ânimo caprichoso tal qual o duma criança.

Tenho uma imagem dum S. Francisco de Paula carunchosa e amarelecida que não dava por todo o ouro do mundo.

Os olhos de minha bisavó deviam saber de cor o geito dos olhos da imagem que se levantam para o céu em súplica aflita. Afeiçoada devia ser a esta a súplica de seu coração quando pedia pelos que andavam sobre as águas do mar em débil casca de noz.

Tenho esta imagem à cabeceira de minha cama não para lhe rezar, porquanto a razão mo impede, senão para memorar a vida dos meus que foram na terra

bem diferentes do que eu sou. Basta levantar os olhos para rever na face beatíssima do Santo, a tragédia dos que, de mãos erguidas, foram súplices em momentos de ansiedade. E, vejo, então, uma sala de tecto baixo de madeira com duas janelas viradas para o mar, pequenos como postigos de gaiola. A um canto, sobre uma cómoda negra, alta de pés, coberta de delicado pano de renda como o dos altares, um relógio em forma de portal de igreja conta os momentos do drama, as horas de angústia. Junto d'ele, uma Nossa Senhora vela debaixo de redoma de vidro com rosas de papel caídas aos pés, e entre dois castiçais ardendo, o meu S. Francisco de Paula conforta o coração duma figura negra ajoelhada, chorando lentamente e deixando cair dos lábios a oração pelos que andam nas águas do mar.

Gostava de ainda ter fé na alma porque havia de aprender as orações que minha avó rezou.

As vezes descubro no olhar do Santo uma piedade maior e afigura-se-me que sua mão estendida sai de seu natural e me quer chegar ao coração—o meu coração de carne!

Meu avô, a primeira vez que foi ao mar depois de se ter unido pela graça de Deus com minha avó, levou a fidelidade dela nos seus cabelos cortados.

A mulher, no tocante a formosura do corpo, tem o cabelo como graça mais saliente: Maria Madalena foi com ele que alimpou os pés do Senhor e Salomão dizia que os cabelos da Sulamite «eram como os rebanhos de cabras subindo o monte Galaad».

Grande devia ser, portanto, a ternura de minha avó para, em testemunho de saúde e temor de viuvez, sacrificar sua cabeleira que era airosa como as ondas e especiosa como os nevoeiros. Bem verdade é que o Senhorio da Morte se estende mui mais florescente no mar do que na terra, e quantos para ele vão que não voltam mais!

Quando penso nesta quase-lenda cerro os olhos e fico a desejar uma mulher assim na minha vida...

João GASPARG SIMÕES



# SOL

O Sol  
O Sol Poente indica repouso;  
Para haver repouso é preciso ter criado.  
O Sol repousa toda a noite porque criou todo o dia,  
Como Ontem...

O Sol nasce todos os dias.  
O Sol descança todas as noites.  
Nascem Homens todos os dias.  
Morrem Homens todas as noites.  
Todas as manhãs faz anos que o Sol nasceu para criar,  
Todas as noites faz anos que o Sol se escondeu para descançar,  
Como Ontem...

O verdadeiro viver está em olhar bem para o Sol e ser como Ele.

O Sol cria-nos as cores de todas as coisas e as formas de todas as coisas;  
Criemos também formas e cores com nós-próprios,  
Para sermos como o Sol.

O Sol dá-nos tanto prazer, e nós escondêmo-nos d'Ele porque temos vergonha.  
O Sol não gosta das pessoas que se escondem d'Ele e castiga-as,  
Como Ontem...

O Homem que vive ao Sol, e que segue o exemplo do Sol, é cada  
vez mais Homem até que chega a ser também Sol.

Se o Sol não tivesse criado um dia, esse dia não teria fim.....

Gloria a Ammon-Rá!

ALBERTO VAN HCERTRE  
DE TELES MACHADO

## A MINHA NOITE

Triste noite sózinha e desolada,  
Em que os uivos dum cão, entre a neblina,  
Lembram a ponta dum adaga fina,  
Que me trespassa a carne arripiada!

—Fio de água entre fragas—murmurada,  
A prece nos meus lábios desatina:  
—Minhalma é chama lívida e franzina,  
Que uma sombria mão ergue à rajada.

Sonho de negro e cinza—nevoeiro...  
Sonho que sou o último e primeiro  
Dos mêdos que esta noite vai contando.

Bebo o filtro da sombra, de mansinho,  
E sou a êrma volta dum caminho  
Onde outrora Jesus passou chorando!...

ANTÓNIO DE SOUSA.

## Doente

Tocado de sofrimento,  
Seu corpinho, quando tosse,  
Treme todo, nem que fosse  
A haste dum lírio ao vento.

Rosto pálido de marmore,—  
Se chora, também choramos,  
—Que o seu corpo é como a árvore  
De que nós fossemos ramos.

Pois também, quando ela ria,  
Uma infinita alegria  
Nos dava horas felizes.—

Oh roseirinha em botão,  
E' no nosso coração  
Que mergulhas as raizes!

CAMPOS DE FIGUEIREDO



# APELANDO DA SENTENÇA

(A uma escritora portugêsa)

Compreendo, minha senhora! Compreendo e avalio bem quanto o meu ultimo livro (1) a deve ter, não direi apenas desgostado, mas até desconcertado, não obstante a linha de conduta, nobre e firme, que sempre tem mantido atravez de uma existencia onde não é vulgar o desconcerto.

O que, porem, não compreendo é que me tenha tornado responsável por semelhante desconcerto.

«Obcecado pelo espantalho se- diço do clericalismo...»

Quem: eu, minha senhora? Eu que incessantemente procuro nor- tear os meus actos pela mais ele- vada tolerancia?

V. Ex.<sup>a</sup> ou não lêu o meu livro, ou lêu-o ás avessas. Só assim jus- tifico o haver-me attribuido inten- ções que nunca tive, delictos que nunca pratiquei.

Desde o prefácio a ultima linha da derradeira epistola, tudo se en- caminha num unico sentido, que resumi nestas palavras de abertura: —«Este livro regista o pensamen- to que a teologia formulou contra a mulher...»

E acrescente, para evitar equi- vocos:—«Se o leitor, voltando a sua ultima pagina, não tiver aper- cebido que nele se pretende, ao es- clarecer um equivoço secular, for- necer á mulher uma arma que, vibrada por suas delicadas mãos, possa dominar completamente o seu algoz — não terá comprehendido o designio do autor.»

Pois nem assim, perante uma tão formal declaração, se evitaram equívocos.

Porque V. Ex.<sup>a</sup> caiu num la- mentavel equívoco, que nem o pre- fácio nem o livro inteiro podem autorisar. Autorisam, sim, mas ape- nas que eu volte a repetir:—aquilo não é meu! De tudo o que ali a al- voraçou, chocando fundamente o seu espirito, nem um til me pertence.

Essas afirmações, que eu reco- nheço trozolentas, que eu tambem, como V. Ex.<sup>a</sup>, encontro abomina- veis, fui buscá-las a velhos, a reve- lhos textos.

Catei-as, uma por uma, nesse embrenhado labirinto teológico, que começa em Moisés e vem subindo, idades fora: Salomão, Ezequiel, Jeremias, Evangelistas, S. Paulo, S. Agostinho, até ao redactor de certo *Boletim* que tambem diz o diabo!

Essa doutrina, pois, é toda teo- lógica, e, como tal, fazendo parte do patrimonio espiritual da Igreja Católica, para a qual V. Ex.<sup>a</sup>—des- culpe que o registre—não teve, na sua carta, uma unica censura, uma unica apóstofre, mesmo de luva branca. Foram todas para mim. Para mim, a quem, em todo o texto, apenas pertencem as conjucões co- palativas!

Na verdade, senhora, para toda

essa contextura diabólica, nesse tec- do de maxims violentas, de concei- tos irreverentes, de anedotas patus- cas e perturbantes descrições, eu apenas desempenhei a elemental função que o meu alfaiate desem- penha quando lhe levo a saragoça para o meu albornois: fornecer as linhas e as agulhas.

Pois eu, senhora, nem mesmo as linhas forneci. Alinhavei sómen- te, mas com linhas que nem ao me- nos eram pertença minha.

Para esse montão de aleivosias só entrei com alguns alinhavos e um ou outro complemento circumstan- cial de tempo ou de lugar.

Não me atrevi sequer a juntar- lhe, como era natural, o mais timi- do adjectivo qualificativo, que, em certas passagens, calhava como na Epistola aos Corintios... Perdão: como um colár de pérolas no côlo de uma mulher formosa.

Mas nem isso. O meu escri- pulo de cronista imparcial não consentiu que eu fosse além dos já referidos alinhavos com que serzi— não sei se é o termo—essas enor- midades.

Juntei, é certo, elementos dis- persos. E uma vez juntos, alinhei- os, comparei-os, casei-os, tiran- do em seguida deducões. Sim, deduzi. Mas deduzi logicamente, em presença dos textos e á face da doutrina corrente—a ortodoxa.

E ralha-me, por isso! Bate-me o pé, a mim que pouco ou nada fiz!

Porque não ralha aos que teem a culpa? Porque não dirige as suas iras, justificadas, sem duvida, con- tra os autores d'essas abjecções?

*Non est creatus vir propter mu- lierem, sed mulierem propter virum.* (2)

O que V. Ex.<sup>a</sup> não diria se es- tas palavras fossem minhas!

Mas não são: caíram da boca de S. Paulo, de quem a Igreja as recolheu e vem repetindo há vinte séculos.

Pregunto agora: aceita, sem protesto, semelhante decisão? Sa- tisfá-la esta doutrina? Pois a mim não, e por isso berro.

V. Ex.<sup>a</sup> é uma educadora mo- delo. Tem passado a vida a en- sinar—a ensinar tudo e todos.

Pois aqui tem como lhe pagam aqueles que V. Ex.<sup>a</sup> não deseja ma- guar, nem com uma pena de ave:—

*Docere autem mulieri non per- mitto* (3)

Não permitem que ensine! Sai- ba ou não saiba, possa ou não pos- sa faze-lo.

Ainda mais: não consentem que a mulher exerça qualquer auto- ridade sobre o marido: *neque do- minar in virum.*

Este, pelo contrario, tem todo o direito sobre ela, até o de exigir que ela se cale: *esse in silentio.*

E porque?

Porque a mulher nasceu do homem e não o homem da mulher: *non vir ex mulier, sed mulier ex viro* (1)

E é a mim, senhora, que inve- ctiva e dirige os seus doestos! Pa- ra os outros a bençã, para mim a imprecação!

Que a sua colera se mude- re ou vá contra quem a mereça. Que o seu látego não caia sobre mim, que não vendi no templo nem abo- canhei as coisas santas!

«Aos infieis, senhora, aos infieis,»

e não a mim que sempre acredi- tei no manancial de virtudes que se alberga no vosso coração, mu- lheres, e sobretudo na força que reside na vossa piedosa, omnipo- tente fragilidade

TOMÁS DA FONSECA

(1) I-Corint. XI—8—

## A nossa senhora

Nossa Senhora me ajude  
Nesta pobreza tamanha,  
Na minha vida tão rude,  
Nos fragnedos da montanha.

Nossa Senhora me guie  
Longe de atalhos e quelhas;  
Nossa Senhora vigie,  
De noite, as minhas ovelhas.

Nossa Senhora me veja  
Com o seu olhar divino,  
Nossa Senhora proteja  
O meu filho pequenino.

Nossa Senhora perdõe  
Os pecados que eu tiver;  
Nossa Senhora abençõe  
A minha santa mulher.

Nossa Senhora me atenda  
Esta simples oração;  
Nossa Senhora defenda  
O meu pobre coração.

Nossa Senhora me faça  
Não ter amor ao prazer  
E viver na sua graça,  
Com os filhos e a mulher.

Ai! de mim, se não vos ganho  
Para mãe, Nossa Senhora!  
Eu sou pastor do rebanho,  
Sêde Vos minha Pastora...

Nossa Senhora me deixe  
Nesta humildade viver,  
Nossa Senhora me feche  
Os olhos quando eu morrer.

(1) *Cartas Espirituais—A Mulher e a Igreja—Porto—Livraria Chardron, 1922.*

(2) *Epistola primeira aos Carintios, XI—9—*

(3) *Themoteo—1.a epí. III 12.*



# CRÍTICA

**Paço do Milhafre**--contos por Vitorino Nemésio.

Dêste livro se diz no prefácio, pela boca de Afonso Lopes Vieira, que só a estreia de Aquilino no Jardim das Tormentas e a de Alberto de Oliveira nas Palavras Loucas se lhe podem igualar.

E após sua leitura bem real me ficou no espírito essa mesma impressão. Ficou ainda mais: a certeza de que alguém surgiu na seara fungada da nossa literatura. Cogitando com vagar no aparecimento dêste homem novo, que construiu um estilo próprio, sugado no dizer popular e nos clássicos e por êle dá vida a seres e coisas de grande e mesquinha vida, descobre-se uma certa compensação para tôda a farrapagem que nas montras dos livreiros se refastela e sobe. Paço do Milhafre não se pode tomar no sentido banal de primícia literária, abrindo a porta ao que depois há-de vir; é antes o livro duma obra de certeza superior e dentro dela ficará sendo um dos bons, tal como é o Jardim das Tormentas para a obra de Aquilino. Plantado bem fundo numa escola que não é grande nem talvez ofereça largos horizontes, Vitorino Nemésio toma nas suas fileiras, por leal direito de conquista, um lugar que outro não saberia honrar melhor. Essa escola, o regionalismo, até há pouco quasi se resumia às lembranças de menino escritas pelos cansados da vida urbana; hoje tem uma existencia arreigada, e um fim de renovação literária nacional que muito a honra. O regionalismo português estava, a bem dizer, limitado pelas Beiras e vagos traços alentejanos; surge-nos agora dos Açores com um gôsto estranho de terra marinha, ondas de água e de calcário. Lendo-o, descortina-se um drama idêntico ao das Terras do Demo, ao Leomil e doutra forma não poderia ser: aqui como lá a rudeza é igual, o fundo de desgraça permanente, lá como aqui a lama tanto se amassa aos pés que por fim se infiltra no corpo e chega à alma. Vive-se da terra e para a terra, a morte transforma-se numa maneira mais perfeita de viver. São estas figuras naturais, curtidas pelo vento e pela fome, lavradas pela chuva e pela angústia, que no Paço do Milhafre nos aparecem tão perfeitamente como vivem na terra e no mar, tão doloridamente como morrem no mar e na terra.

Com facilidade se pode no volume separar a parte regional de composições adventícias, como Ante-Manhã, duma forte e scenográfica beleza, com laivos de Fialho; e ainda de regional só tem o aroma aquela narrativa Os Reis Magos, tocada da visão infantil duma avôzinha e dum garoto, e a—Célia,—um episódio com finuras de quem o viveu ou desejava passá-lo.

Há que destingar também o estilo da faculdade architectural de narrativa. Em Vitorino Nemésio há um estilo feito e apto a tudo retratar, talvez com mais força descritiva que psicológica. Embala-se no modo brilhante do dizer e de tal forma que certas figuras apenas existem para dar côr e não para marcar estados de espírito; é o que sucede em vários logares da Terra do Bravo, aliás dos bons pedaços do livro. Da leitura, fixa o ouvido uma nota primeira e dela caindo um eco aspero, a dedada roxa da desgraça, um murmúrio doce, o sorriso da ternura.

O valor do livro e do autor está principalmente na prosa e nisso é mestre. Tem um modo ondulado e forte de palavra, diversa da nossa, um geito sêco e profundo ao terminar o período, como onda que bate em rocha e quebra. Daí, ser a propósito se afirmar na dedicatória que a fala das ilhas é—"laia de mare que se espreguiça"—e tem—"o abafado de tala, martelante.—" E' assim o seu estilo, com um forte travo, talvez—"do sal do mar que pelo caminho lhe deu."—Estamos bem longe da prosa singela e corrente, acessível, parece, a qualquer bicho; esta é tôda construída e torneada na ideia e no papel, como certas cadeias de oiro fino que têm o contraste em cada elo; reforça-se, e assim obriga a fixar a atenção para lhe apreender o sentido e por estilizados em refegos duros alguns factos não os segure bem a memória.

Mas a-par disto que facilidade em vincar a figura num traço, em visionar o episódio num só período! Falando do processo da narrativa não será justo chamar a todos os trechos—contos.

Em verdade êsse nome pode aplicar-se à Eganada e a aos Malhados, onde existe uma seqüência natural e o fio do novelo se desdobra sem falhas; o resto são descrições, episódios, vivendo unicamente da fulguração estilística, muitas vezes simples manchas de tinta, como a Alma de Deus. Nota-se ainda que a descrição, em geral, não surge directamente, os eventos aco-

dem á lembrança no meio doutros, nos instantes de cogitação e de silêncio; é ao deitar que a Angelina se lembra o como e quando conheceu o Chórica, é com a morte à beira que o Velhinho lança contas e orça os pecados, e é cavando a horta, em jejum, que o José Vieira recorda a má boca do casamento. Mas o que existe do princípio ao fim do livro é o falar nativo do povo composto e muito por um artista, a sua graça tradicional e colorida rimada por vezes, o pique sensual e instintivo de algumas conversas. Para meu gosto o melhor é a Eganada e Os Malhados, qualquer dêles sem falhas e interrupções e no primeiro todo o efeito saindo da triste sorte e mais nada. Não seria possível deixar sem referência a dedicatória, escrita com profunda emoção, com ternura e sangue, como lá se diz.

E aqui está do muito que o livro me fez sentir um pouco sem vida e sem alma. Serão os últimos os primeiros e por isso voltemos ao princípio; é um livro comparável aos melhores para se ler e guardar com amor. Fica-me na estante à mão direita de todos os que eu mais estimo e quero.

M. C.

**Uma semana de trabalhos manuais**--Nota e esquema das

lições dadas pelo prof. da Escola Normal Primária de Coimbra, Alvaro Viana de Lemos, na Escola de Mogofores, a convite de um grupo de professores do círculo da Anadia nas férias de verão de 1922.

Alma formosa de sonhador posta ao serviço do ensino oficial, o artista e mestre Alvaro de Lemos, é, no meio português, um dos raros nomes de prestígio na arte de educar.

Pedagogista especializado pela Escola de Belas Artes de Bruxelas e nos modernos métodos de trabalho da Escola Alemã, espírito cultíssimo, europeizado, êle não se limita a vulgarizar meros conhecimentos livrescos pela pena ou pela palavra, a pôr em língua portuguesa o que da sua especialidade se vai publicando no estrangeiro.

Actua por si e escreve do que praticamente conhece.

Os esquemas das suas lições, agora vindos a público em edição de um apurado bom gôsto, de um esmerado aspecto gráfico, são a melhor promessa da renovação do nosso ensino oficial e da mentalidade, portanto, do professorado português.

A. D.

número

1

série

1

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Hoertre de Teles Machado — Angelo César — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio

redacção: rua Dr. João Jacinto, 38

Coimbra

1

abril

1924